

## ORKUT, MODERNIDADE-MUNDO E BRASILIDADE

Flávia Iolanda da Silva Simas<sup>1</sup>

A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida.  
Sérgio Buarque de Holanda (in: Raízes do Brasil)

### 1. Introdução

O presente artigo é um recorte feito em uma pesquisa de cunho etnográfico, realizada em uma turma de alunos de língua inglesa de um curso livre de línguas em uma Universidade Federal de um estado na região centro-oeste do Brasil.

O referido curso livre faz parte de um projeto de extensão da Faculdade de Letras dessa Universidade, que tem por objetivos funcionar como um laboratório para que alunos da faculdade possam iniciar suas atividades docentes, bem como oferecer cursos de línguas a preços acessíveis às comunidades geral e acadêmica.

Foram coletados dados durante um semestre letivo, em áudio, vídeo e através de um questionário, além das notas de campo, feitas pela professora-pesquisadora.

Por se tratar de uma etnografia, os dados exerceram papel fundamental na pesquisa, pois foi a partir deles que se pôde realizar a análise, tendo como ponto de partida os domínios culturais propostos por Spradley (1980). Assim, os registros feitos em áudio, vídeo e escritos em um questionário, geraram importantes dados que nos revelam as concepções dos alunos acerca da realidade que os cerca.

O recorte feito para análise nesse artigo refere-se a discussões ocorridas em sala de aula acerca do tema “Orkut”<sup>2</sup>, que será analisado a partir dos domínios culturais de Spradley, chegando-se a interpretações sociológicas, em que a teoria da modernidade-mundo, de Renato Ortiz (1994; 2003) é contemplada, além de uma análise acerca do brasileiro tendo por base o autor Roberto DaMatta (1997).

---

<sup>1</sup> Mestranda em estudos lingüísticos na Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> Além das discussões em sala de aula, foram analisadas as opiniões dos alunos, registradas por escrito em atividades feitas em casa.

## 2. Etnografia

Segundo Spradley (1980), a etnografia consiste, basicamente, em aprender com as pessoas. Ela começa com “uma atitude consciente de ignorância quase completa<sup>3</sup>” (p. 3). Essa atitude consciente de ignorância referida por Spradley (ibid) diz respeito ao que comumente se afirma em etnografia: é necessário tornar o estranho familiar e conhecido para que se proceda a uma análise etnográfica adequada (cf. Erickson, 1986).

Tornar estranho tudo aquilo que já é conhecido representa uma das tarefas mais difíceis ao etnógrafo, pois, como afirma Erickson (ibid), o cotidiano e seus padrões de ações tornam-se invisíveis a nós, uma vez que estamos tão acostumados ao dia-a-dia que nada nos parece novo, ou mesmo digno de ser estudado.

Spradley (op cit, p. 31) ainda sugere que se faça a etnografia com “um problema único geral em mente: descobrir o conhecimento cultural que as pessoas estão usando para organizar seus comportamentos e interpretar suas experiências<sup>4</sup>”. Dessa forma, entender a cultura de um determinado grupo passa a ser o grande objetivo de quem se propõe a realizar um estudo etnográfico.

Em etnografia, muito se fala em macro e micro culturas<sup>5</sup>. Ao estudar uma determinada comunidade, sala de aula, ou qualquer outra situação social em que há a reunião de pessoas, o pesquisador não pode se esquecer de que a cultura que ele encontra ali não é algo isolado, e sim um reflexo de um sistema maior em que a comunidade sob observação está inserida. Spradley (1980, p. 116) considera a análise etnográfica “uma busca pelas partes de uma cultura, suas relações entre as partes, e as relações das partes com o todo<sup>6</sup>”.

Um outro aspecto inerente à etnografia é o fato de ela ser, basicamente, interpretativa. Como afirma Rees (2005): “É preciso lembrar que ao buscar o ponto de vista do participante, o pesquisador está interpretando. Nessa interpretação, os pré-conceitos do pesquisador estão presentes”. Assim, quanto maior a capacidade crítica e

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. Do original: “Ethnography starts with a conscious attitude of almost complete ignorance”

<sup>4</sup> Tradução nossa. Do original: “(...) with a single general problem in mind: to discover the cultural knowledge people are using to organize their behaviour and interpret their experience”.

<sup>5</sup> Erickson (1986) afirma que todos participam de micro e macro culturas, ao passo que Spradley (1980) afirma que o escopo da pesquisa etnográfica varia entre uma macro etnografia e uma micro etnografia, que considera situações isoladas como pertencentes a um contexto maior de toda uma sociedade, contexto esse que não pode ser desconsiderado.

<sup>6</sup> Tradução nossa. Do original: “(ethnography is) a search for the parts of a culture, the relationships among the parts, and their relationships to the whole”.

menor o etnocentrismo do investigador, melhor será o entendimento de determinado contexto.

Dessa forma, torna-se necessário que o observador estabeleça uma observação participante (cf. Spradley, 1980), em que se observa, mas ao mesmo tempo se participa em determinado contexto. Isso envolve um alto grau de introspecção, em que o pesquisador aprende a usar a si mesmo como um instrumento de pesquisa (Spradley, *ibid*, p. 57).

Assim, a etnografia revela-se uma forma ideal de se analisar contextos de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Rees (2005) lista várias sub-áreas em que a etnografia pode ser utilizada para pesquisas em Lingüística Aplicada:

1. Os contextos de ensino/aprendizagem;
2. A interação professor/aluno;
3. O papel da cultura na aula de L2;
4. O papel das instituições e da sociedade nas decisões educacionais tomadas acerca do ensino de L2, nos diferentes níveis de ensino.

Feitas essas breves considerações acerca do que é a etnografia, faz-se necessária uma breve explanação acerca da definição de *cultura* e seu uso nos estudos lingüísticos.

### **3. A questão cultural**

Ao se falar em *cultura*, pode-se imaginá-la sob várias perspectivas. Isso porque tal palavra é utilizada nas mais diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia ou a Psicologia. A Lingüística Aplicada (ou LA) tem utilizado a palavra cultura freqüentemente.

Imbuídos do espírito do ensino comunicativo, que prima por uma negociação de sentidos entre os participantes, para que haja uma aprendizagem efetiva da língua alvo, muitos livros didáticos e educadores têm recorrido cada vez mais ao uso da cultura em sala de aula. Mas que cultura seria essa?

Kramersch (1998, p. 10) define cultura da seguinte forma: “a cultura pode ser definida como pertencente a uma comunidade discursiva que partilha de um espaço e história comuns, bem como de um mesmo imaginário”<sup>7</sup>. Diferentemente da noção de cultura

---

<sup>7</sup> Tradução nossa. Do original: “(...) culture can be defined as membership in a discourse community that shares a common social space and history, and common imaginings”.

proposta pela autora, os livros e educadores consideram a cultura, de forma geral, como um conjunto de padrões comportamentais que o aprendiz deve praticar para “funcionar” bem em uma outra cultura (Alpetkin, 2002).

Tal visão restrita de cultura esbarra em várias controvérsias. A principal delas está no fato de que, em se tratando de uma língua como a inglesa, que ganhou na atualidade o status de língua franca, tal ensino de padrões de comportamento não é possível sem ser discriminatório, imperialista (cf. Paikeday, 1985, apud Alpetkin, 2002; Kramsch, 1998; Rajagopalan, 2003; entre outros).

Assim, ao se afirmar que a língua inglesa figura hoje como um símbolo da modernidade, pois é a língua da Internet, está-se, mesmo de forma inconsciente, relacionando-a ao que Ortiz (1994, 2003) denomina de “cultura mundializada”. A cultura mundializada pressupõe uma standardização dos costumes, nas civilizações cujas territorialidades globalizaram-se. Essa cultura apresenta, na visão do autor, um *pattern*<sup>8</sup>, que ele qualifica de “modernidade-mundo”. A modernidade-mundo funda “uma nova maneira de ‘estar no mundo’, estabelecendo novos valores e legitimações” (ibid, p. 33). Da mesma forma que produtos como Coca-Cola, Mc Donald’s, alimentos Nestlé se firmam como produtos representativos dessa modernidade-mundo a que Ortiz (ibid) se refere, assim ocorre com a língua inglesa.

O local cede espaço ao mundializado, que muitas vezes nem é percebido pelo participante de determinada cultura, dada a naturalidade com que o fenômeno da modernidade-mundo ocorre. Nas palavras de Ortiz (op cit, p. 52): “Ao se expandir, a modernidade-mundo corrói, no seu âmago, as especificidades dos universos culturais. As tradições locais já não mais serão a fonte privilegiada de legitimidade”.

Dessa forma, a discussão acerca do tema *orkut* revela-se como um meio interessante de desvendar-se o que vem ocorrendo no contexto da sala de aula, que reflete o contexto brasileiro, que por sua vez é um contexto que se diz conectado ao sistema mundial.

---

<sup>8</sup> O autor utiliza a palavra *pattern*, em inglês, para ressaltar sua diferença com relação a *standard*, o que, se fôssemos traduzir, teríamos “padrão” e “padronização”, palavras com a mesma raiz, o que dificultaria ao autor atingir o sentido de diferenciação entre as palavras.

#### 4. Os alunos

O grupo sob análise era composto, inicialmente, de dezesseis alunos. Desses, uma trancou matrícula ainda nas primeiras semanas de aula, e outra transferiu-se para outro grupo, restando quatorze alunos que não eram assíduos. Nas aulas consideradas para este artigo, havia uma média de dez alunos presentes.

O grupo caracterizava-se por ser bastante heterogêneo lingüisticamente, com alunos relativamente fluentes dividindo espaço com outros que pouco ou nada falavam espontaneamente. Por se tratar de uma turma de nível sete<sup>9</sup>, as aulas privilegiavam a habilidade da fala. Para motivar a participação dos alunos, temas polêmicos eram abordados.

Quanto às profissões exercidas pelos alunos, pode-se dizer que havia uma certa homogeneidade no grupo, uma vez que a maioria dos alunos era composta de estudantes de Comunicação Social (a saber, Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas). Havia uma aluna estudante de Medicina, duas vestibulandas e um aluno de Engenharia da Computação. Quase todos, à época da pesquisa, dividiam o tempo entre o trabalho e os estudos. A média de idade fica em torno de 24 anos.

No início do semestre, foi explicitado aos alunos que as aulas teriam um enfoque grande nas opiniões dos alunos, através de diálogos entre eles e debates na turma como um todo. Esses debates, vez por outra, traziam à tona temas culturais, como foi o caso da discussão apresentada aqui, e de outras, como por exemplo as que versavam sobre pessoas sem casa para morar (*homeless people*), ou corrupção (*bribery and corruption*)<sup>10</sup>.

É importante observar que todos os nomes foram modificados, para proteger a identidade dos alunos. Além do mais, todos assinaram um termo de aceite de participação em pesquisa.

---

<sup>9</sup> Entenda-se por nível sete o fato de os alunos já estarem estudando a língua inglesa, em sua maioria, há três anos e meio.

<sup>10</sup> Entre parênteses estão os temas das aulas, que eram escolhidos a partir de um acervo contido no livro *Taboos and Issues*, adotado pelo Centro de Línguas nos dois últimos semestres letivos do curso de língua inglesa.

## 5. Orkut

A escolha de um tema como “orkut” para discussão em sala de aula não foi obra do acaso, como pareceu à primeira vista.

Diferentemente dos outros temas, que eram previamente escolhidos pela professora, o assunto “orkut” surgiu espontaneamente na sala de aula. Em todas as aulas, um período de tolerância de dez minutos era dado antes de entrarmos nas discussões propriamente ditas. Esse período era necessário porque muitos alunos atrasavam-se para a aula, por motivos diversos.<sup>11</sup>

Dessa forma, os referidos dez minutos eram utilizados para conversas informais com os alunos, sempre na língua inglesa, vale ressaltar.

Na aula em que se deu a discussão sobre orkut, a aluna Marina chegou à sala um pouco triste. Perguntei-a de imediato o que acontecera e ela, com ar um tanto solene, disse: “teacher, I deleted my orkut”<sup>12</sup>.

O fato de a aluna parecer sinceramente chateada com a sua decisão de não ter mais uma conta no orkut, chama-nos a atenção para uma situação bastante peculiar no Brasil: uma parcela significativa da população tem o orkut como parte integrante de seu dia-a-dia. Mas o que vem a ser o orkut? Por que ele exerce tamanha influência nas pessoas a ponto de fazê-las, a exemplo de Marina, lamentar o fato de não ter mais uma conta ali?

O orkut é um site de relacionamentos criado em 2004 por Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. Apesar de Orkut ser um nome próprio, o seu uso recorrente se dá em letra minúscula, inclusive na própria homepage do site, que por sua vez é filiado ao Google, o mais famoso site de músicas da internet.

Para se abrir uma conta no orkut, é necessário que o internauta tenha sido convidado por algum usuário da referida rede social. Uma vez “dentro” do orkut, a pessoa pode buscar amigos antigos, fazer novas amizades, participar de comunidades de seu interesse, dando opiniões, trocando idéias, interagindo com outros internautas que têm interesses afins. Há milhares de comunidades no orkut.

O orkut ainda disponibiliza a seus usuários um perfil tripartite, em que o internauta pode tornar públicos seus gostos e interesses gerais (perfil social), seus gostos

---

<sup>11</sup> Dentre os quais destacamos: atrasos de ônibus e o fato de muitos deles saírem do trabalho direto para o curso. Às vezes a jornada de trabalho era um pouco mais longa.

<sup>12</sup> “Professora, deletei o meu orkut”, tradução nossa.

e interesses pessoais, em que até a descrição de um parceiro ideal pode ser feita (perfil pessoal) e ainda, sua vida profissional, em que fica destacada sua área de atuação e nível de escolaridade (perfil profissional).

Além do mais, o usuário pode tornar público um álbum com até doze fotos, além de uma foto em seu perfil. Quando se acessa o orkut de alguém, visualiza-se o seu perfil social, sua foto, alguns de seus amigos, algumas comunidades e os seus eventuais depoimentos.

A presença de um amigo querido no orkut pode fazer com que se queira homenageá-lo, escrevendo-lhe um depoimento, que será visualizado por todo aquele que acessar seu perfil.

No orkut ainda é possível saber quantas pessoas visitaram seu perfil e quais foram as últimas cinco a visitá-lo<sup>13</sup>.

Há quem diga que o orkut foi criado com o objetivo principal de comprovar a teoria dos seis graus de separação. Essa teoria diz que qualquer pessoa do mundo pode ser conectada a qualquer outra por uma rede de no máximo cinco intermediários.

Com tantas facilidades, o orkut parece reunir todos os atributos para se tornar uma febre mundial. Mas não foi o que ocorreu. O orkut é um sucesso majoritariamente brasileiro. Basta darmos uma olhada em alguns dados estatísticos para comprovarmos isso.

De aproximadamente vinte e três milhões de usuários, 73,81% são brasileiros. Isso representa um total aproximado de quinze milhões de internautas. O restante, cerca de oito milhões de membros, são de outros países, dentre os quais convém destacar: Estados Unidos (13,26%), Índia (7,94%), Paquistão (1,87%) e Irã (1,35%)<sup>14</sup>.

Esses quinze milhões de usuários representam, no Brasil, uma pequena parcela da população, cerca de 8,3%. Isso não é um dado irrelevante. Trata-se de pessoas inseridas nos mercados de trabalho e consumo, e numa cultura que tem na internet um representante fundamental: a cultura mundializada.

O impacto do orkut no Brasil reflete-se inclusive no campo da linguagem. Empréstimos lingüísticos e neologismos passam a ser utilizados com naturalidade por seus usuários no dia-a-dia.

---

<sup>13</sup> Essa é uma ferramenta relativamente nova no orkut, iniciada em abril de 2006. O usuário pode ainda desativar tal opção. Dessa forma ele se torna anônimo em suas visitas, não sabendo também quem o visitou.

<sup>14</sup> Dados de agosto de 2006.

Exemplos de neologismo são as palavras *orkutar* e *orkuticídio*. A primeira diz respeito ao ato de acessar o orkut, e a segunda, ao ato de deletar a própria conta do orkut. Dessa forma, podemos afirmar que a aluna Marina cometeu um orkuticídio.

Um exemplo de empréstimo lingüístico é a palavra *scrap*, que passou a ser sinônima de “recado no orkut”. Cada usuário tem em seu perfil (e isso é aberto ao público) uma página de recados para interação com os demais usuários. É comum vermos o uso do vocábulo *scrap* em frases como: ‘te mandei um scrap ontem’. Há, inclusive, uma música que faz menção ao termo e que ficou famosa entre os orkuteiros<sup>15</sup>:

Eu vou te deletar,  
te excluir do meu orkut.  
Eu vou te bloquear no MSN.  
Não me mande mais scraps nem email,  
Power point,  
me exclua também e adicione ele.  
Vou te excluir do meu orkut.  
(Ewerton Assunção)

O orkut tem, também, lugar garantido na mídia brasileira. Uma das principais revistas do país já publicou vários artigos e/ou reportagens a respeito do site. Isso também ocorreu em um famoso jornal e até na televisão<sup>16</sup>. E o motivo de tanta atenção por parte da imprensa é basicamente um só: a libertinagem do lugar.

Diz-se que o ciberespaço é uma terra de ninguém. A justiça ainda não sabe lidar muito bem com os crimes ali cometidos. E o orkut tornou-se ideal para a abertura de comunidades criminosas.

Encontra-se de tudo no orkut, como comunidades que incitam a violência contra mulheres, gays, negros, anões, outras que exaltam o nazismo, outras que incitam seus membros a automutilação e até ao suicídio, e até comunidades de fãs de criminosos. Se um professor é amado, abre-se uma comunidade de fãs; se for odiado, uma comunidade para xingá-lo e denegrir sua imagem pode ser facilmente aberta.

Exemplos de comunidades criminosas há vários. E vários também são os litígios em que uma das partes reclama indenização por ter sido ofendida. O Ministério Público tem trabalhado arduamente na tentativa de investigar mais profundamente os criadores de comunidades criminosas. É da Folha Online a notícia<sup>17</sup>:

A procuradoria da República no Estado de São Paulo entrou nesta terça-feira com uma ação contra o Google para obrigar a empresa a cumprir 52 pedidos

<sup>15</sup> *Orkuteiro* é outro neologismo utilizado para designar os usuários mais assíduos.

<sup>16</sup> Revista Veja, Folha de São Paulo e programas como o Superpop, da Rede TV.

<sup>17</sup> Folha Online, 23/08/2006



de quebra de sigilo feitos pela Justiça do site de relacionamentos Orkut. O objetivo é ter mais informações para investigar perfis e comunidades de pedófilos e de pessoas que praticam crimes de ódio, como racismo e homofobia.

A notícia acima não chega a representar uma novidade para os brasileiros. Vez por outra encontramos na mídia notícias bem parecidas. Podemos dizer que a novidade da reportagem da Folha Online está nas linhas que se seguem: “O Ministério Público quer também que, caso as ordens da Justiça sejam desrespeitadas, a filial seja fechada no país, o que serviria como uma pressão econômica para a empresa”<sup>18</sup>.

Tal decisão drástica por parte do Ministério Público só serve para reforçar o quanto o orkut influi (positiva ou negativamente) no cotidiano de boa parte dos brasileiros. Essa notícia pode também ser a razão de o orkut disponibilizar, três dias depois, a seguinte mensagem aos seus usuários:

Lembre-se: nós todos gostamos do orkut.com e contamos com a sua ajuda para mantê-lo saudável. Por favor use o serviço com responsabilidade e não hesite em reportar imediatamente quaisquer abusos em perfis e comunidades. Conteúdo ilegal não será tolerado e será devidamente removido. Veja nossos Termos de Serviço.  
Stay beautiful,  
-A Equipe do orkut.

Apesar dos esforços em identificar os criminosos que agem no site de relacionamentos, o Ministério Público esbarra em um problema de difícil solução: os chamados ‘perfis fake’<sup>19</sup>. Trata-se de usuários que abrem contas no orkut sem revelarem a sua identidade. Pelo contrário, criam uma nova identidade que os deixam em posição confortável para uma infinidade de ações, dentre as quais a divulgação de comunidades criminosas.

Diante de tal realidade, pergunta-se: por que o Brasil é o único país do mundo onde o orkut deu certo? Que qualidades o brasileiro incluso no mundo digital reúne que fazem dele um usuário ideal para o orkut?

Talvez não tenhamos respostas exatas a esses questionamentos. Mas uma coisa é certa: as opiniões dos alunos, sejam elas escritas ou orais, dão-nos uma idéia das razões para que o orkut no Brasil seja um sucesso, a ponto de fazer com que certas empresas investiguem o perfil do orkut de candidatos a empregos, por exemplo<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> A filial a que a reportagem se refere é a da Google do Brasil.

<sup>19</sup> A palavra inglesa *fake* indica *falso*, mas é comumente utilizada em sua versão em inglês mesmo.

<sup>20</sup> Conforme relatado na revista *Época*, na edição 386 de 06/10/2005.

## 6. As aulas e a visão dos alunos

Como explicitado anteriormente, o tema para as duas aulas surgiu a partir da fala da aluna Marina. E como o assunto era de interesse geral, acabou tornando-se combustível para duas aulas, além de tema para uma atividade de escrita em casa, que também foi considerada neste estudo, por apresentar as visões dos alunos principalmente daqueles que menos falaram em sala de aula.

Primeiramente, buscou-se analisar os dados dividindo-os em domínios culturais gerais, conforme sugestão de Spradley (1980, p. 102). Chegou-se, então, ao seguinte quadro:

<b>Quadro I: Análise da opinião dos alunos sobre o orkut</b>		
Included Terms (termos incluídos)	Semantic Relationship (relação semântica)	Cover Terms (termos gerais)
<b>X</b>	<b>é um tipo de</b>	<b>Y</b>
orkut	é um tipo de	lugar onde pessoas se encontram online
orkut	é um tipo de	atividade que está na moda
maioria brasileira no orkut	é um tipo de	sentimento de vitória
uso da língua portuguesa no orkut	é um tipo de	afirmação do sentimento de nacionalismo
<b>X</b>	<b>é parte de</b>	<b>Y</b>
orkut	é parte de	rede www
orkut	é parte de	vida virtual
<b>X</b>	<b>é resultado de</b>	<b>Y</b>
brigas	são resultado de	falta de privacidade no orkut
uso da língua portuguesa no orkut	é resultado de	uma maioria brasileira presente no orkut
ter sido proibida de testemunhar em um tribunal	é resultado de	o réu estar na sua lista de amigos no orkut
uma fuga para o orkut	é resultado de	stress e decepções na vida moderna, real.
<b>X</b>	<b>é uma razão para</b>	<b>fazer Y</b>
orkut ser um espaço aberto	é uma razão para	se fazer o que bem quiser
falta de privacidade	é uma razão para	deletar uma conta no orkut
ser a maioria no orkut	é uma razão para	brasileiros agirem da forma como bem entendem
orkut ser mundial	é uma razão para	se aceitar que cada povo escreva nos fóruns em sua própria língua
ser quem você quiser	é uma razão para	viver no mundo virtual
<b>X</b>	<b>é um lugar para</b>	<b>se fazer Y</b>

orkut	é um lugar para	reencontrar velhos amigos
orkut	é um lugar para	fazer novos amigos
orkut	é um lugar para	adicionar comunidades de seu interesse
<b>X</b>	<b>é usado para</b>	<b>Y</b>
orkut	é usado para	divulgar violência
orkut	é usado para	divulgar preconceitos
orkut	é usado para	divulgar machismo
orkut	é usado para	divulgar estereótipos
a língua portuguesa	é usada para	valorizar os brasileiros
orkut	é usado para	expor a vida das pessoas
orkut	é usado para	adicionar pessoas de quem se gosta
orkut	é usado para	adicionar comunidades de que se gosta
orkut	é usado para	encontrar pessoas com as quais se havia perdido o contato
orkut	é usado para	conhecer novas pessoas
orkut	é usado para	conhecer novas culturas
orkut	é usado para	conhecer novos lugares
orkut	é usado para	exibicionismo
orkut	é usado para	discutir questões interessantes
<b>X</b>	<b>é uma maneira de</b>	<b>se fazer Y</b>
entrar no orkut	é uma maneira de	reencontrar velhos amigos
entrar no orkut	é uma maneira de	discutir questões interessantes
entrar no orkut	é uma maneira de	se distrair
entrar no orkut	é uma maneira de	se divertir
<b>X</b>	<b>é um atributo de</b>	<b>Y</b>
ser perigoso	é um atributo de	orkut
falta de privacidade	é um atributo de	orkut
ser comum	é um atributo de	orkut

Em seguida, foram ressaltados alguns domínios, para tentar-se entender, a partir dos exemplos de opiniões dos alunos, a macro-cultura da modernidade-mundo. Vale ressaltar que os exemplos ilustrativos de cada domínio aparecem na sua forma *verbatim*, ou seja, sem correções por parte da professora-pesquisadora.

1. *Orkut é um tipo de lugar onde pessoas se encontram online.* É interessante notar que o mundo virtual é, literalmente, percebido como um lugar. E isso é feito com naturalidade, sem estranhamento nenhum por parte dos alunos, como mostra os exemplos que se seguem:

1. *Orkut is a people virtual meeting place...* (Gabriel)

2. *The orkut is a internet page when is possible the communication with people of all the world.* (Mônica)
3. *The orkut is a community online that unites millions of people in the world.* (Poliana)

Pode-se afirmar que a naturalidade com que se percebe o *orkut* como um espaço é um traço da modernidade-mundo. Não há um estranhamento com relação à questão do espaço virtual, que pode opor-se ao dito espaço real da seguinte forma:

O espaço concreto cria seu oposto, o espaço virtual, e novas formas de contatos interpessoais. Baseado nestas concepções de tempo e espaço, o *desencaixe* seria o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço. Daí emerge o que denominamos de ciberespaço, isto é, um dos processos contemporâneos de *desencaixe*, promovido pela telemática (Silva & Silva)<sup>21</sup>

Esse *desencaixe* a que Silva e Silva se referem aparece nas concepções dos alunos justamente como um esvaziamento da noção de materialidade do espaço, que perdeu por muito tempo na maneira com que se encarava a geografia. A cultura mundializada, com o advento do ciberespaço, traz consigo essa noção do virtual como espaço, sem que maiores questionamentos sejam feitos. Silva e Silva (*ibid*) continuam:

O ciberespaço é, então, um ambiente que permite inúmeras possibilidades do mundo real. O mundo virtual caracteriza-se não propriamente pela representação, mas pela simulação. Esta simulação é ,na verdade, apenas uma das possibilidades do exercício do real. Desse modo, podemos afirmar que o ciberespaço não está desconectado da realidade.

Assim, ao tratarem o *orkut* como uma comunidade que une milhões de pessoas ao redor do mundo, os alunos estão, literalmente, ligando-o à realidade, afinal, as relações que ocorrem no ciberespaço, a exemplo do que Silva e Silva afirmam, não deixam de ser reais.

2. *Maioria brasileira no orkut é um tipo de sentimento de vitória.* É interessante notar a opinião da aluna Poliana:

1. *And to surpass the Americans in a system that they created it is a quite significant victory.*

Fica claro aqui não apenas um sentimento de nacionalismo, mas também de um sentimento de que ‘pelo menos em alguma coisa eles perdem para nós’. O aluno Darlon parece compartilhar de tal idéia, e também lança mão da tese da americanização do mundo:

---

<sup>21</sup> No site: <http://www.tamandare.g12.br/indexciber.htm> ano não citado.

2. *How did you brush your teeth today? Colgate. How did you go to your office today? Mercedez. How did you work today? In a IBM computer, using a Microsoft's software. Ok: who is infecting what?*

A tese da americanização do mundo afirma que os EUA, detentores do título de maior potência mundial, empenham-se em fazer do mundo uma extensão de seu território, ou seja, americanizá-lo. De fato, os americanos imaginam-se como paradigma a ser imitado, mas há que se concordar com Ortiz (1994, 2003), quando ele diz que essa é uma solução demasiado simples, frente ao fenômeno da mundialização cultural. Simples, mas não irrelevante, uma vez que nos revela a criticidade dos alunos frente a questão do 'quem está invadindo quem'.

3. *Uso da língua portuguesa no orkut é um tipo de afirmação do sentimento de nacionalismo.* Isso fica claro nos exemplos que se seguem:

1. *My language is my patry: Fernando Pessoa. (Darlon)*

2. *English isn't a official language. They could had created it, but who use is the owner, would say our old Marx. (Darlon)*

3. *Are we the majority, the biggest part of orkut, let's do what we want do... (Darlon)*

4. *I believe that orkut is worldly, so the community have to accept that a people wrote in community with the language that people want to write. (Juliana)*

Assim, o fato de os brasileiros serem a maioria no *orkut* dá-lhes o direito de fazerem o que bem entenderem, mesmo que isso cause a revolta de alguns usuários, como fica claro na opinião de um brasileiro bilíngüe, que foi trazida à sala de aula pela professora: "Brazilians have the right to create anything they want in any language they want, The problem is to invade forums with specific languages and write in Portuguese"<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Na segunda aula de discussão, a professora trouxe um texto aos alunos e pediu que eles o lessem em casa e escrevessem suas opiniões acerca da invasão brasileira e do uso do português no *orkut*. A opinião em questão, de um internauta chamado Pablo Miyazawa aparece no texto, que foi retirado da internet, no site: [http://community.livejournal.com/blog\\_sociology/90186.html](http://community.livejournal.com/blog_sociology/90186.html)

## 7. Considerações finais

O orkut é parte da realidade dos alunos em questão, assim como é parte de uma boa parcela da população brasileira, como já se afirmou anteriormente. É encarado não como uma propriedade norte-americana, mas como pertencente a quem o usa. O orkut passa a ser, então, uma expressão de brasilidade. Uma brasilidade específica, é verdade, aquela composta de brasileiros incluídos digitalmente.

O orkut adequou-se ao estilo de vida do brasileiro justamente por oferecer a ele a oportunidade de exhibir-se aos outros e tornar público, através de atitudes diversas, o gosto brasileiro pelo “sabe com quem está falando?” (cf. DaMatta, 1997) que faz inclusive com que empresas contratantes investiguem os perfis do orkut de seus candidatos a emprego para saber se são ‘bem relacionados’, se tratam-se de pessoas de títulos e honrarias, que fazem “bonito” em fóruns de discussão. Não é raro vermos em comunidades brados do tipo ‘você sabe com quem está falando? Eu sou uma autoridade na área tal e tal’, por exemplo.

O presente estudo não teve a pretensão de ser exaustivo, mesmo porque não caberia em um artigo a análise detalhada de todos os domínios culturais encontrados. Mas nos revela uma interessante faceta da modernidade-mundo, em que a cultura local dá feições próprias àquilo que é, via de regra, padronizado. E assim corrobora aquilo que Ortiz (1994, 2003, p.33) afirma: “Uma civilização promove um padrão cultural sem com isso implicar a uniformização de todos”.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o orkut, apesar de ter regras próprias e que são as mesmas em qualquer parte do mundo, adquire, no Brasil, nuances locais, que refletem bem o estilo de vida do brasileiro moderno, aquele, por exemplo, que cria neologismos e utiliza-se de empréstimos lingüísticos, além de mostrar, seja em fotos de viagens ao exterior ou em discursos cuidadosamente parafraseados e que denotam alguma ‘erudição’, sua posição social marcada pela riqueza ou pela intelectualidade, maneiras modernas de se incluir na cultura mundializada, mas ao mesmo tempo de fazer do “sabe com quem está falando” algo ainda muito atual no contexto brasileiro.

## 8. Referências Bibliográficas

ALPETKIN, Cem. Towards intercultural communicative competence in ELT. In: ELT Journal Volume 56/1 January 2002. Oxford University Press.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis. Rio de Janeiro, Rocco, 1997, p. 187-2386.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTRICK, M. C. (Ed.) Handbook of research on teaching. 3<sup>rd</sup> ed. New York: Macmillan, 1986, p. 119-161.

KRAMSCH, Claire. Language and Culture. Oxford University Press, 1998.

MACANDREW, Richard; MARTINEZ, Ron. Taboos and Issues. (Ed.) LTP, 2001.

ORTIZ, Renato. Mundialização e Cultura. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma lingüística crítica – linguagem, identidade e a questão ética. Parábola Editorial, São Paulo, 2003.

REES, Dilys Karen. O deslocar de horizontes: um estudo de caso da leitura de textos literários em língua inglesa. Tese de doutoramento, Belo Horizonte, 2003.

\_\_\_\_\_; MELLO, Heloísa Augusta Brito de Mello. A Etnografia na Sala de Aula. Goiânia, 2005 no prelo.

SPRADLEY, James P. Participant Observation. Oxford University Press, 1980.

### Sites:

1. Invasão brasileira no orkut:  
[http://community.livejournal.com/blog\\_sociology/90186.html](http://community.livejournal.com/blog_sociology/90186.html)
2. Definições de orkut: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>
3. Ciberespaço: <http://www.tamandare.g12.br/indexciber.htm>
4. Folha Online:  
<http://busca.folha.uol.com.br/search?q=orkut%20informatica&site=online>
5. Revista Época: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG71902-6014-386,00.html>

